

APRESENTAÇÃO

Este número de Debates do NER segue o modelo original da concepção desta revista, a saber: um texto consistente e original, sobre o qual alguns autores são convidados a reagir.

Desta vez, o texto “básico” do Debates do NER é parte da dissertação de mestrado de Jaçanã Ribeiro, defendida em janeiro de 2005, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada “*O simulacro da alteridade: uma análise discursiva do ritual de libertação e cura da Igreja Universal do Reino de Deus*”.

Esta dissertação ainda não está contabilizada no *site* da CAPES, onde, segundo o seu Banco de Teses, somente no período que compreende os anos de 1995 a 2003, a Igreja Universal do Reino de Deus aparece como palavra-chave em 16 teses de doutorado e 59 dissertações de mestrado, defendidas em diferentes programas de Pós-Graduação do país, em distintas áreas do conhecimento, tais como: Sociologia, Antropologia, Comunicação, Teologia, Letras e Administração¹. A importante atenção que a Universal atrai no meio acadêmico, bem como no meio jornalístico brasileiro, revela que esta não é uma igreja como outra qualquer, assim como a dissertação de mestrado de Jaçanã Ribeiro não constitui uma dissertação a mais sobre a Igreja Universal. Ela situa-se, de longe, entre as melhores já produzidas no Brasil sobre esta igreja que detém uma importância reconhecida pelos estudiosos não somente na recomposição do pentecostalismo brasileiro mas também do campo religioso brasileiro como um todo.

¹ Igualmente, já foram defendidas 3 teses sobre a Universal nos Estados Unidos, 1 na França e 1 na Suécia. Ao menos 5 livros dedicados exclusivamente sobre a Igreja Universal já foram publicados no Brasil e 5 no exterior. Uma relação das mesmas pode ser encontrada em Oro, Corten e Dozon, *Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo, Paulinas, 2003.

O foco da dissertação, e do texto aqui apresentado por Jaçanã Ribeiro, situa-se na análise do ritual de libertação e cura da Igreja Universal, adotando como pressuposto teórico a Análise do Discurso, segundo a tradição francesa. Nesse contexto a centralidade radica no ritual do exorcismo, o qual é analisado por diferentes ângulos, segundo recortes que contemplam as suas diferentes etapas, ou movimentos, a saber: a invocação do Espírito Santo, a invocação do “encosto”², o ato do exorcismo e a confirmação da cura, em cada uma delas ocorrendo interlocuções específicas entre os diferentes sujeitos implicados no ritual: Deus, “encosto”, bispo, pastor, fiel, obreiro, etc. Além disso, em “o simulacro da alteridade: uma análise discursiva do ritual de exorcismo da Igreja Universal do Reino de Deus”, o leitor poderá perceber a ênfase dada pelo seu autor à existência de uma assimetria entre os sujeitos acima mencionados, com destaque para o poder do sujeito bispo, o mais legítimo mediador entre os fiéis e Deus, ou os “encostos”, entre os planos temporal e divino. Igualmente, o Autor põe em evidência o dialogismo existente entre a Universal e as religiões afro-brasileiras e o papel do interdiscurso que caracteriza a formação discursiva *iurdiana*, assim como a importância das memórias discursivas existentes em ambas as formações discursivas.

O ritual do exorcismo consiste num momento privilegiado para o Autor analisar a relação conflitiva que o discurso da Universal mantém com o discurso das religiões afro-brasileiras, ao mesmo tempo em que verifica uma tradução do discurso afro pelo discurso *iurdiano*. Tal operação se inscreve num contexto tal de interlocução e de inconstância de fronteiras entre os discursos da Universal e das religiões afro-brasileiras, que produz o que o autor denomina de “*simulacro da alteridade do discurso iurdiano*”.

A segunda parte deste número de Debates do NER é composta de posicionamentos tomados por alguns professores e pos-graduandos convidados em relação ao texto de Jaçanã Ribeiro.

² Termo genérico, com apreciação depreciativa, utilizado na Igreja Universal para designar as entidades que compõem o panteão das religiões afro-brasileiras.

Abre a série a professora Maria Cristina Leandro Ferreira, orientadora da dissertação de mestrado do autor do “Simulacro da Alteridade”, a qual confessa ter sido tomada de uma incerteza inicial e de um encantamento final quanto ao tema (ritual de cura na Universal) e sua análise (a partir da Análise do Discurso), levados a efeito pelo seu orientando. Na seqüência, a professora explicita para os não-familiarizados com a teoria da Análise do Discurso, de forma didática e clara, as noções-chave pertinentes a esse dispositivo teórico, tais como “formação discursiva”, “interdiscurso” e “forma-sujeito”, e como elas são operadas por Jaçanã Ribeiro no tratamento teórico do seu objeto. Após, Maria Cristina Leandro Ferreira brinda o leitor deste Debates do NER com uma apresentação concisa, mas clara e oportuna, sobre o campo teórico do discurso, como ele foi gestado e se desenvolveu no contexto histórico e intelectual francês, e como e onde ele se situa na relação com as demais ciências humanas. Enfim, numa perspectiva de diálogo com o trabalho de Jaçanã Ribeiro, Maria Cristina levanta três questões a serem pensadas não somente pelo analista do discurso mas também pelos antropólogos e sociólogos das religiões.

Marcelo Tadvald, mestrando do PPGAS/UFRGS, também recupera os principais momentos e pontos da análise discursiva propostos por Jaçanã Ribeiro, mas, além disso, propõe desdobramentos, sobretudo nas possibilidades de se avaliar as complexas situações inter-relacionais e inter-discursivas que são entabuladas e travadas entre os múltiplos sujeitos implicados, sobretudo no processo ritualístico configurado como “sessões de cura”, que ocorrem nas “sessões de descarrego” e nos “cultos de libertação”.

Mauro Meirelles, mestre em educação, por seu turno, a partir do texto de Jaçanã explora o dialogismo bakhtiniano para perceber a forma como este opera na formação do discurso *iurdiano*, propondo que, para além da idéia de um mero simulacro da alteridade o discurso *iurdiano* seria ele próprio o seu elemento constituinte, atribuindo sentidos e formas de percepção da realidade que lhe são únicas, e que impregnam de sentido signos trazidos de fora do campo discursivo neopenotecostal, de

modo que ressemantiza dos/ressignificados, eles dotam as formações discursivas *iurdianas* de um incrível potencial auto-poietico, se comparado a outras formações discursivas existentes no campo religioso brasileiro.

Em certa medida, Nicolas Guigou, professor da Universidade da República, de Montevideu, e doutorando em Antropologia junto ao PPGAS/UFRGS, também se questiona, a partir do texto de Jaçanã Ribeiro, sobre os horizontes e os limites epistemológicos da Antropologia e da Análise do Discurso, ao mesmo tempo em que sugere a possibilidade de explorar além das duas Formações Discursivas propostas por aquele autor (a da Universal e a das Religiões Afro-Brasileiras) uma terceira Formação Discursiva, aquela do discurso acadêmico. Enfim, Guigou sublinha a importância dada ao lugar dos sujeitos no trabalho de Ribeiro onde, porém, a perspectiva estruturalista poderia aprofundar a análise.

Na seqüência o professor da Universidade de Montreal, André Corten, também reconhece a qualidade da análise realizada por Jaçanã Ribeiro, mas aproveita para realizar um exercício crítico, enquanto “advogado do diabo”, enfatizando o aspecto inovador e moderno da Universal que fica ofuscado quando uma análise, como a presente, se restringe a sublinhar o discurso do exorcismo pela mobilização do discurso das religiões afro. Igualmente, Corten sublinha outras possibilidades analíticas, além das presentes no texto de Jaçanã Ribeiro, seja acerca das relações entre “FD1” (formação discursiva da Universal) e “FD2” (formação discursiva das religiões afro-brasileiras), seja acerca de outras interpretações possíveis sobre essa expressão religiosa denominada neopentecostalismo.

O professor da PUC/RS, Airton Jungblut, também propõe um diálogo crítico em relação a determinadas posições já cristalizadas no campo das Ciências Sociais por estudiosos do tema do embate entre a Universal e as religiões afro-brasileiras. Refere-se, por exemplo, que o combate à figura do Diabo cobre, embora de forma diferenciada, o conjunto do campo evangélico, e que os vilipêndios *iudianos* não se circunscrevem às entidades das religiões afro-brasileiras. Enfim, mostra o autor o quanto a

Universal é tributária, sem explicitá-lo, da “Doutrina dos Espíritos Territoriais”.

Por fim, o texto de Jaçanã Ribeiro dá a Ari Pedro Oro a oportunidade de explorar a existência de uma demonologia na Universal, analisando como ela se apresenta e como ela é constituída, ao mesmo tempo em que avança algumas análises e hipóteses sobre o culto do demônio na modernidade.

Ari Pedro Oro
Mauro Meirelles
Organizadores